

A construção da identidade docente a partir da observação: Um olhar sobre a recepção da professora-supervisora em uma experiência de estágio curricular

Constrution of the teaching identification from the observation: a look at the supervisor's in a curricular stage experience

Kátia Barbosa Feitosa¹, Flávia Barbosa de Santana Araújo².

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo descrever como a acolhida da professora-supervisora do 6º ano “B” contribuiu para o desenvolvimento do estágio supervisionado em língua portuguesa 2: observação e para a construção da minha identidade como docente. O trabalho procura descrever as práticas da professora em sala de aula na perspectiva etnográfica por considerar o espaço de “sala de aula” um ambiente rico e diversificado, capaz de contribuir para a formação docente da estagiária-observadora, bem como a formação de todos os sujeitos envolvidos nas práticas educativas. A metodologia utilizada foi a observação não-participativa, bem como conversas com a professora, alunos, gestores e funcionários da escola cujas inferências e percepções estarão descritas no texto. Após a conclusão do estágio de observação, foi possível perceber que a compreensão da importância do estágio supervisionado por parte da professora-supervisora foi fundamental para possibilitar uma reflexão questionadora e desafiadora sobre a profissão que escolhi seguir.

Abstract

The present work aims to describe how the acceptance of the teacher-supervisor of the 6th year "B" contributed to the development of supervised internship in Portuguese language 2: observation and for the construction of my identity as a teacher. The paper tries to describe the practices of the teacher in the classroom in the ethnographic perspective considering the space of "classroom" a rich and diverse environment, able to contribute to the teacher training of the trainee-observer, as well as the formation of all subjects involved in educational practices. The methodology used was non-participatory observation, as well as conversations with the teacher, students, managers and school employees whose inferences and perceptions will be described in the text. After the completion of the observation stage, it was possible to perceive that the understanding of the importance of the supervised internship by the teacher-supervisor was fundamental to enable a questioning and challenging reflection on the profession I chose to follow.

Palavras-chave: Estágio. Observação. Recepção. Identidade.

Keywords: Trainee. Watching. Acceptation. Identity.

¹ Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). katiabarbosa01@gmail.com

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGE/UFPE). Professora do Departamento de Métodos de Técnicas e Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (DMTE - CE/UFPE). flaviabsantana@outlook.com

Introdução

A disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2, parte integrante do currículo de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade federal de Pernambuco, tem por objetivo inserir o aluno-estagiário em turmas do Ensino Fundamental dos anos finais e Ensino Médio a fim de que os mesmos possam observar as práticas docentes realizadas pelas professoras-supervisoras, compreender o funcionamento da escola, os aspectos burocráticos e de gestão escolar, bem como a maneira como os alunos relacionam-se com outros alunos e, principalmente, como comportam-se e interagem nas disciplinas de língua Portuguesa.

A disciplina supracitada tem carga horária total de 90 horas sendo, 30 horas de aulas teóricas presenciais, 20 horas de observação em uma turma do Ensino Fundamental II e 20 horas de observação em uma turma do Ensino Médio, mais 30 horas de atividades complementares: planejamento de projetos, análise de livro didático, conversas com alunos, professores, gestores e demais funcionários, e demais atividades relacionadas com a prática docente da professora-supervisora.

A professora Flávia Santana Araújo foi a responsável por ministrar as aulas teóricas e orientar-nos sobre documentos necessários antes de iniciarmos o estágio e sensibilizar o olhar para a observação em sala de aula. Sensibilidade, essa, fundamental para o direcionamento das observações e compreensão de todo um funcionamento de uma sala de aula inserida em um contexto rico e diversificado, capaz de reproduzir ou modificar o entorno social e a percepção de mundo de cada ator social.

A escola é um espaço plural que possibilita encontro de pessoas com as mais diversas experiências de vida. É na escola que o aluno aprende, além de conhecimento historicamente construído pelo homem, a socializar, conviver com o diferente e a construir a sua identidade como pessoa e possível carreira profissional que seguirá futuramente. É na escola que o aluno começa a compreender o que é expectativas e como lidar com elas. É natural que o novo gere expectativas em nós e convide-nos a rever planos e até criar outros. Foi assim que aconteceu comigo. Diante da oportunidade de conhecer e “conviver” com alunos do Fundamental II durante um espaço de tempo. Não era uma ação de intervenção, era apenas observação de aulas de língua portuguesa durante dois meses, aproximadamente. Ainda assim, a ansiedade para saber como aqueles alunos se comportavam, conviviam com outros colegas, como correspondiam aos pedidos da professora e, principalmente, como era a relação aluno-professora, invadiu-me e, no desejo de já estar inserida no contexto de sala de aula, alimentei

expectativas e passei a imaginar-me como futura professora, a fim de comparar essas perspectivas com a experiência vivida ao final do estágio.

A experiência vivenciada durante o estágio, relacionada com as minhas expectativas prévias e leitura de material bibliográfico, estarão relatadas no presente trabalho ressaltando a acolhida e prática docente da professora-supervisora, bem como a recepção dos alunos, dos gestores e minha percepção sobre o contexto de sala de aula como um todo. Ao final, foi possível assimilar na prática diversas teorias que vemos em sala de aula e compreender, a partir de um olhar etnográfico, os desafios, problemáticas e os sabores da prática docente.

1. Situando o campo de observação e os atores envolvidos

O período de observação do estágio compreendeu entre os dias 22 de agosto até 20 de setembro do ano de 2017.2, na turma do 6º ano “B”, de uma escola da rede Municipal de ensino localizada na cidade de Pombos-PE. A escola foi escolhida após indicações positivas sobre a professora-supervisora, bem como localização geográfica e fácil acesso e gestores acessíveis.

Às 7h em ponto, a maioria dos alunos já estão na frente da escola esperando o porteiro abrir o portão para que possam dirigir-se às salas. O portão é aberto às 7h15 e fecha, pontualmente às 7h30, no momento em que o sinal toca. Ao entrar na escola, os alunos deixam seus materiais nas salas e retornam para o pátio de convivência para rever os colegas de outras turmas ou, simplesmente, brincarem antes de os professores entrarem nas salas. Alguns ainda ficam pelos corredores, brincando, interagindo e, assim que os professores dirigem-se para as salas, as inspetoras encarregam-se de convidar os alunos que permanecem no pátio a entrarem nas salas.

Assim que o portão é aberto entro com os alunos, cumprimento a todos os funcionários e fico no pátio observando como os alunos comportam-se antes de irem para as suas salas. Minha presença não é notada. Brincam, correm de um lado para o outro, esbarram em mim e não pedem desculpas oralmente. A euforia do momento não dá espaço para lembrar de “formalidades” do cotidiano. Não me incomodo, vejo no olhar do aluno um pedido de desculpa velado e a promessa de que não esbarrará mais em mim. Acredito. A professora chega à escola. Cumprimento-a e, após ela retornar da Secretaria, dirige-se à sala de aula. Acompanho-a.

Embora a referida escola tenha sido entregue à comunidade em dezembro de 2015, ao entrar percebemos o clima e a dinâmica apenas pelo comportamento dos alunos e funcionários. Fatores como idade, educação doméstica e senso de uso de espaço público são evidentes: alunos agitados, objetos e equipamentos quebrados, banheiros depreciados, paredes riscadas, mesinhas desarrumadas fazem parte do cenário da escola.

A relação entre funcionários e alunos e família com a escola também revela um pouco da dinâmica da escola. Ao conversar com funcionários sobre o motivo que levam os pais a procurarem a escola, percebo que o desafio de a escola formar um cidadão de bem está mais distante, pois as famílias estão mais preocupadas em manter o benefício social do Programa Bolsa Família ativo do que comprometer-se com a formação moral de seus filhos. Pais e mães tendem a transferir a responsabilidade de ajudar as crianças a construírem valores e princípios sólidos para a escola que, por sua vez, acaba reproduzindo comportamentos de uma sociedade doente e em desequilíbrio: alunos desobedientes, envolvidos com ilícitos e recusa em participar das atividades de sala de aula, além de atrapalhar a aula do professor fazendo uso de celular, acarretando um esforço para além do natural que compete à escola.

A escola possui 12 salas de aulas, uma secretaria, uma sala para os professores, banheiros individuais para os alunos e alunas e um banheiro com apenas um box para os professores. Há uma cantina ao centro e um pátio médio onde os alunos interagem, merendam e tentam brincar (correndo) durante o intervalo. Também há uma biblioteca que só abre quando, raramente, a servidora responsável aparece na escola e que nunca foi utilizada pela professora-supervisora do 6º ano “B”. As salas de aula têm capacidade para atender, confortavelmente, cerca de 30-35 alunos, mas na caderneta há 45 alunos matriculados. Há superlotação e pouco espaço até para a professora circular na sala e até escrever no quadro. O espaço geográfico é pequeno para o contingente.

Os alunos são oriundos da zona urbana e rural; muitos vieram de escolas privadas que, devido à crise econômica em nosso país, os pais transferiram seus filhos para a rede pública de ensino. Há um equilíbrio de gênero, mas a maioria dos alunos presentes em sala de aula durante o período de observação é do sexo masculino, curiosamente. Ao entrar, pela primeira vez, na sala de aula, a professora apresentou-me, disse que eu estaria ali apenas para observar a turma e fazer algumas anotações e que eu seria uma futura professora. A professora-supervisora deixou-me livre para sentar-me onde quisesse. Os alunos nada disseram. Mas, ao dirigir-me para uma das mesas que estava disponível, ouvi um dos alunos comentando com

tom de superioridade: “Eu sei o que é isso [estagiária]. Ela quer ser é professora”. Nada comentei. Direcionei-me para a cadeira e lá fiquei até o final da aula.

Ao longo da aula, percebi que o fato de escrever o que observava na aula, despertava a curiosidade dos alunos e, mesmo a professora explicando que eu estava lá como estagiária, muitos alunos vieram até a mim e perguntavam se eu era do Conselho Tutelar ou da polícia e o que eu iria fazer com aquelas anotações. Expliquei que tratava-se de um relato e que seria entregue a uma professora. Percebi que não compreendiam e sempre voltavam a perguntar o motivo de tantas anotações.

A professora-supervisora é formada na Faculdade Integrada da Vitória de Santo Antão e está na docência há quase 20 anos; a mesma possui o antigo Magistério e é também formada em Letras português-inglês. O primeiro contato deu-se no dia anterior, momento em que fui procurá-la antes de iniciar a observação e explicar a dinâmica do estágio. A professora-supervisora recebeu-me muito bem, com brilho nos olhos e sorriso no rosto, demonstrava entusiasmo por ter ali, à sua frente, talvez, mais uma esperança para a educação brasileira. Senti ali que o cansaço e o desafio da prática docente ainda não desmotivaram aquela professora e que a mesma ainda acredita no poder transformador da educação.

2. A prática docente e a construção da identidade social do estagiário

A observação da prática docente em sala de aula é fundamental para a construção da identidade social do estagiário e futuro professor. Reis (2011, p. 11) acredita que “A observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação e um forte catalisador de mudança na escola”. Essa observação, bem orientada previamente, possibilita que o estagiário dirija-se à escola com conhecimentos prévios importantes para respaldar a sua observação. É importante que o estagiário seja orientado a saber o que observar dentro da sala de aula e não seja enviado sem um preparo adequado. Ainda de acordo com Reis (2011), por não ter uma orientação prévia, o aluno acaba ressaltando apenas os aspectos negativos da escola e, principalmente da prática docente, impossibilitando uma discussão mais ampla e rica sobre o que melhorar na escola e prática do professor, bem como na criação de novos métodos de ensino.

Ao apresentar-me à professora supervisora tive o cuidado de deixar claro o objetivo da minha presença em suas aulas, informando sobre a carga horária da disciplina, a professora

Flávia Santana Araújo e a importância daquele momento para a minha formação. Com um sorriso no rosto e gentileza ímpar, a mesma desejou-me boas-vindas e colocou-se à disposição para qualquer necessidade referente ao estágio de observação. Prontamente respondeu algumas perguntas sobre a sua experiência docente, como elabora seus planos de aulas e a escolha do livro didático em uso.

Desde o primeiro dia de observação até o último percebi que a professora-supervisora não se sentia incomodada com a minha presença. Situação que me deixou feliz e mais à vontade, pois sabemos que a prática da maioria dos alunos em fase de observação é ressaltar aspectos negativos e culpabilizar o professor pelo fracasso do ensino. Como defende Watson-Daves (2009 apud REIS, 2011), a observação em sala de aula deve estar orientada para que o professor seja capaz de melhorar as suas competências e inovar através de uma nova abordagem. Essas mudanças só serão possíveis a partir de muito diálogo e uma relação mais harmoniosa entre estagiários, professor-supervisor e coordenadores de estágios.

Reis (2011) ainda defende que a observação contribui para a construção da identidade do estagiário e o leva a refletir sobre que aspectos de gestão de aula, relação professor-aluno, planejamento e metodologia poderiam ser utilizados por ele, ou não, na sua futura prática docente. Os aspectos positivos tendem a ser mais bem absorvidos e referenciados pelos alunos do que as atitudes negativas. Essas atitudes negativas, sob o olhar de um estagiário pouco orientado para a observação de aulas, podem prejudicar a sua formação e provocar desconforto na relação entre professor-supervisor e estagiário. É importante deixar claro nas aulas teóricas o que considerar como atitudes negativas e/ou positivas e, especialmente, o apontamento de sugestões que possam contribuir para a melhoria do ensino.

Durante a observação das aulas da professora-supervisora percebi que ela adotava sempre a mesma metodologia com seus alunos: transcrição de textos do livro didático (atividades em sua maioria) ou leitura oralizada valendo pontuação. As atividades que eram escritas no quadro eram corrigidas nas aulas seguintes. A leitura oralizada servia apenas, aparentemente, como instrumento de verificação de fluência na leitura. Não havia espaço para dialogar sobre o texto, seus aspectos textuais e, principalmente, compreensão.

A prática da professora-supervisora lembrou-me o que Antunes (2003) fala sobre o ensino de língua portuguesa, em que muitos professores prendem-se apenas aos aspectos gramaticais e a uma gestão de aula tradicional, sem dar espaço para o diálogo e desenvolvimento de competências discursivas. Contudo, como bem apresentado por Silva e Lima (2016), essa abordagem tradicional é, muitas vezes, fruto de uma pressão social externa

que condiciona o professor a adotar uma abordagem que corresponda aos anseios de pais e da gestão escolar, colocando-o em uma situação de conflito de identidade ao defender um tipo de ensino e praticar outro, especialmente em turmas agitadas e com comportamentos constantes de indisciplina em que a escrita corrente no quadro é utilizada para “controlar” a turma.

Silva e Lima (2016) também afirmam que a concepção de língua adotada pelo professor contribui para tornar o ensino restrito ou aberto a possibilidades de aprendizagens significativas:

No que tange ao ensino de língua materna, Lima e Santos (2013) afirma que, quando os professores adotam a concepção de língua centrada na identificação de termos ou na primazia da estrutura sobre a forma, ao invés de uma compreensão ativa, estagnam no processo de compreensão passiva e, em consequência disso, impossibilitam os alunos a tomarem atitudes ativas a partir do que leem ou escrevem. (SILVA; LIMA, 2016, p. 6).

Desta forma, ter uma compreensão clara sobre a língua que está sendo trabalhada com os alunos é fundamental para que os mesmos possam ampliar suas visões de mundo, compreensão e até agir socialmente no espaço em que estão inseridos. Um ensino restrito da língua pode contribuir para a formação de um aluno passivo, sem senso crítico e pouco questionador, acreditando que a língua, ao invés de libertar, restringe. É importante deixar claro ainda que a língua, além de ser cultura, também é um instrumento de usamos para expressar ideias, opiniões, afetos e propor soluções para transformar o mundo em um lugar melhor.

O professor, bem como a escola, constituem elementos referenciais para a constituição da identidade de seus alunos. Kleiman (1998, p. 296 apud SOUZA, 2008, p. 79) afirma que “os professores constituem uma comunidade científica e confiável para os alunos e, dessa forma, ‘tanto o silêncio como a rejeição atenuada têm efeitos semelhantes: as significações dos alunos não são legitimadas’”. Desta forma, o que o professor diz e considera como o “certo” contribui para a constituição da identidade dos alunos, podendo contribuir para uma identidade crítica e ativa ou passiva e reprimida em relação ao mundo que o cerca.

O contato com os alunos em fase escolar inicial no Fundamental II, possibilitou-me reavaliar as minhas expectativas e me por no lugar da professora-supervisora. Poderia escrever vários pontos que muitos considerariam ‘negativos’ em sua prática, mas ao exercer a empatia e colocar-me em seu lugar, pergunto-me se conseguiria gerir uma aula tão bem quanto ela, considerando a energia e indisciplina que os alunos apresentam nas aulas de outros professores. Provavelmente precisaria de mais tempo de prática docente e, ao comentar com a

mesma este fato, respondeu-me com plena convicção: “Não se preocupe! Com o tempo você acostuma e aprende a lidar com qualquer turma”. E riu naturalmente.

Reis (2011), Souza (2008) e Silva e Lima (2016) acreditam que a figura do professor em sala de aula é fundamental para a construção da identidade de alunos, seja em fase escolar na educação básica ou no ensino superior. Sempre precisamos de referências. E, embora a nossa identidade não seja inata e estanque, fazendo parte de um processo constante de redescobertas e reavaliações, ter um referencial ajuda-nos a percorrer o caminho formativo com mais segurança.

Considerações Finais

A construção da identidade profissional do estagiário perpassa pelo mesmo caminho de sua formação e concepção como pessoa. É quase impossível desassociar identidade profissional de nossas convicções pessoais. Elas sempre estarão refletidas em nossas práticas e na maneira como nos relacionamos com os demais.

Observar as aulas da professora de língua portuguesa da escola municipal da cidade de Pombos-PE convidou-me a refletir sobre diversos fatores relacionados ao campo profissional e pessoal. Por diversas vezes questionei-me se teria as mesmas habilidades de gestão de sala de aula da professora-supervisora especialmente com uma turma tão elétrica; ou como superaria o desafio de utilizar uma aula mais dinâmica e com foco no aluno, possibilitando a formação de um indivíduo protagonista, crítico e com capacidade de compreender não apenas os textos lidos em sala de aula, mas o mundo que o cerca. O contexto de sala de aula é diverso e desafiador. Os recursos são limitados e nem sempre o professor encontra apoio para desenvolver projetos que vão ao encontro de suas crenças.

A recepção da professora-supervisora deixou-me à vontade para que eu pudesse “ler” as suas aulas de maneira mais crítica, porém desarmada de negatividade e pessimismo. Vi um mundo de possibilidades que serão testados no momento em que eu finalmente estiver investida no papel social de docente no ensino fundamental. Terei a oportunidade de colocar em prática muitas das referências que selecionei ao observar aulas de importantes professores, especialmente a da professora-supervisora que tão bem me recebeu.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REIS, Pedro. **Observação de aulas e avaliação de desempenho docente**. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores. Lisboa: 2011. Disponível em: <http://www.ccap.min-edu.pt>

SILVA, Rozirlania Florentino da; LIMA, Antônio Carlos Santos de. **A constituição da identidade social docente do professor de LP em contexto de ensino**. IX; Fórum Permanente de Inovação Educacional, X, 2016, Aracaju/SE.

SOUZA, Angela Gonçalves de. **Identidade em jogo no contexto de sala de aula: uma reflexão sobre crenças identitárias**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n.1, p. 75-90, jan./jun. 2008.